

REPRESENTAÇÃO DOS VAQUEIROS NAS BIBLIOGRAFIAS DO ALTO SERTÃO DA BAHIA

Karolyne Rios Costa¹; Erivaldo Fagundes Neves²

1. Bolsista FAPESB, Graduanda em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail karolyrc@hotmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail erivaldo@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Alto Sertão da Bahia, Pecuária, Vaqueiros

Introdução

O presente projeto tem por objetivo analisar as representações do vaqueiro, figura típica do sertão nordestino, nas bibliografias do alto sertão baiano. Neste sentido, as leituras foram baseadas na formação das fazendas de gado na Bahia, buscando na história do Brasil colônia subsídios que contextualizam a prática da pecuária a fim de situar o objeto de estudo e análise, o vaqueiro, em seu campo de atuação e meio de sobrevivência.

O estudo realizado tentou buscar argumentos, descrições, relatos de autores que expuseram suas impressões sobre este trabalhador sertanejo. Por tanto este tema busca revelar as impressões de autores sertanistas sobre um trabalhador que surgiu quando se descobriu o sertão e a prática da pecuária expansiva, e que possui uma simbologia mítica muito marcada pela cultura folclórica do sertão.

Assim foram analisados conceitos como prestígio, muito bem explorados por autores como João Antonil e José Norberto Macedo, bem como a noção de fidelidade e hombridade citada pela maioria dos autores como Euclides da Cunha e Capistrano de Abreu. As superstições e o curandeirismo são também elementos deste universo sertanejo o qual o vaqueiro está inserido e para este tema o autor José Macedo expõe suas impressões quanto ao uso de ervas medicamentosas e a importância dada a este curandeirismo por meio de ervas e plantas medicinais.

Este estudo contribuirá para a análise de como o universo sertanejo tendo o vaqueiro como representante desta população é visto e retratado por autores sertanistas e demonstrar como essas características fazem parte do nosso imaginário e constroem estereótipos influenciados pela cultura popular, sobretudo o folclore.

Devido ao trato com a manada, ao vaqueiro foi designado o título de honra e benemérito por sua função. Assim a maioria dos autores carregam na descrição que fazem do vaqueiro uma carga simbólica mítica do vaqueiro servo e prestativo, audaz e bravo, sendo, portanto o exemplo a ser seguido por todos os outros trabalhadores da fazenda. No entanto, com o maior povoamento destas regiões e com a moradia instalada do fazendeiro em sua propriedade, alguns autores como Macedo (1952) demonstram como as funções dos vaqueiros se tornam limitadas aos cuidados diários com as reses.

Metodologia

A primeira atividade desenvolvida neste projeto refere-se à leitura, fichamento e discussão destas obras a fim de analisar o surgimento dos grandes latifúndios e identificar a motivação à criação de gado, bem como os motivos que contribuíram para o povoamento do sertão. O passo seguinte consistiu em realizar a leitura de bibliografias que abordavam aspectos da pecuária, bem como os indivíduos que compõem o cenário da fazenda pecuarista, sendo relevante para a apropriação de elementos que constituem o imaginário sobre o vaqueiro e as representações do mesmo.

Portanto, a metodologia aplicada ao trabalho foi o estudo das representações sobre os vaqueiros a partir das bibliografias lidas e discutidas. Realizando o estudo desta maneira foi possível perceber os principais argumentos utilizados pelos autores e suas contribuições sobre o tema proposto.

Análise e discussão dos resultados

A ocupação do sertão baiano foi estimulada, sobretudo, pela ação dos bandeirantes, que segundo Vianna (1935) teve a participação de baianos e paulistas nas conquistas. No Alto Sertão da Bahia houve dois vetores de povoamento: um baiano, que subia o São Francisco, com a pecuária e outro paulista, que transportaram seus criatórios dos vales do Verde Grande e Pardo para as bacias do Gavião, do Antônio e do São João, na Bahia.

O descobrimento de ouro também contribuiu muito para a fixação e povoamento do sertão, uma vez que a mineração foi possibilitada pela criação de gado, impulsionando a colonização do Alto Sertão da Bahia. A colonização da América Portuguesa, antes litorânea, expandiu-se com o impacto da mineração, na transição para o século XVIII, dinamizou a economia, com a formação de núcleos urbanos que articularam as redes comerciais de boiadeiros e tropeiros em todas as direções.

Ao favorecer a pecuária complementada pela policultura agrícola expandiram-se as possibilidades de assentamento de populações e viabilizou a própria criação de gado. O gado bovino chegado ao Vale do São Francisco e Alto Sertão da Bahia, era um tipo mestiço, resultado dos cruzamentos de raças europeias como a “mirandesa” e a “maronesa” oriundas de Portugal e a “galega” da Espanha. Assim no Alto Sertão da Bahia, denominou-se o gado “crioulo”, ou “peduro”, e se caracterizou pela alta resistência as adversidades climáticas e precárias do sertão.

Na fazenda o vaqueiro é a figura de maior importância. Ao adquirir uma terra para a fazenda, inicialmente era necessário que o gado se acostumassem com o novo pasto, o que exigia bastante tempo, posteriormente a lida com o gado era entregue ao vaqueiro. Ao vaqueiro cabia amansar e ferrar os bezerros curá-los de feridas e bicheiras, queimar os campos alternadamente na estação apropriada, livra-los contra onças, morcegos e cobras. Assim para cumprir bem o seu ofício este trabalhador sertanejo passava noites sem dormir, principalmente no período de inverno em que costuma nascer a maior parte dos bezerros. Um dos pontos positivos à criação de gado foi o fato de não precisar de muitos trabalhadores diferentemente dos engenhos de açúcar em que um grande número de mão-de-obra escrava era utilizada.

Quanto mais afastados do litoral, mais caminhos foram abertos em que boiadeiros e tropeiros passavam. Os vaqueiros conduziam os bois em jornadas de quatro, cinco até seis léguas. “Guiam-se indo uns adiante cantando, para serem desta sorte seguidos do gado, e outros vêm atrás das reses, tangendo-as, e tendo cuidado que não saiam do caminho e se amontoem.” (ANTONIL, 1982, p.86). Durante o transporte do gado para as feiras, as manadas compostas de 150 reses tinham que percorrer longos caminhos em marcha morosa e cadenciada, vencendo inúmeros desafios, os transportadores ou tangerinos eram em numero de oito e desempenhavam diferentes funções.

O cavalo é a grande ferramenta do vaqueiro e dele não se separa. Sendo, portanto, além de meio de transporte a sua companhia em todas as atividades diárias na lida com o gado. O vaqueiro se distingue facilmente entre os outros trabalhadores, pois mesmo a pé sempre traz um rêlho nas mãos, calça esporas e veste-se pelo menos com uma das peças de couro de sua indumentária rústica. O traje completo do vaqueiro é composto por gibão, jaleco ou peitoral, calças, perneiras, luvas e chapéu tudo confeccionado em couro, geralmente ele está trajado com seu inseparável chapéu e as calças que possuem um corte que deixa o fundo aberto propiciando mais conforto e permitindo mais movimento.

Exemplificando sua coragem, na perseguição de uma rês fugida o vaqueiro é indiferente aos riscos, assim reflete Macedo (1952). O vaqueiro “em prodígios de equilíbrio e destreza”, consegue alcançá-la e dominá-la, “A façanha é sem dúvida vida plena de heroísmo mas, para êle, viver perigosamente é natural.” (MACEDO, 1952, p.50) As vaquejadas se desenhavam como o momento de o vaqueiro revelar sua destreza na derruba do novilho.

Os feitiços, assombrações e outras crenças pautavam a vida destes indivíduos que por elas tinham respeito e temor. Para todo tipo de doença havia uma reza ou prática de curandeirismo e só o rezador, geralmente um vaqueiro esperto, era capaz de tirar o encanto das amarrações, segundo a crença. Algumas doenças que atacavam o gado eram tratadas com benzeduras.

Conclusão

Por meio do estudo das representações do vaqueiro nas bibliografias analisadas, pode-se perceber que o vaqueiro constituía a alma de uma fazenda, uma vez que a ele era dado toda a responsabilidade do rebanho de seu patrão. Devido as suas obrigações com o gado do fazendeiro a esta profissão foi associada a um prestígio social, reconhecida por alguns autores como título honorífico.

A coragem e a destreza, assim como a hombridade são elementos que norteiam as bibliografias que reportam a tal trabalhador. Estas características são citadas pelos autores, quando da análise do dia-a-dia do vaqueiro, em que muitas vezes colocam sua vida em risco na pega de um boi e nos caminhos que faziam com a boiada a procura de melhores pastos, açudes e em viagens para as feiras semanais. Dormiam na caatinga, passava noite curando bicheiras e acompanhava o parto de todas as vacas do rebanho. No entanto, muito das simbologias que marcam as atividades do vaqueiro tem como subsídio a própria necessidade do patrão em ter um empregado subserviente, assim como defende Joana Medrado, respaldada na análise de contos, historias, e cantos, os

vaqueiro também se utilizavam desta simbologia para se auto-firmar e valorizar a sua profissão e a sua coragem.

O temperamento do vaqueiro é argumentado como calmo e comedido e a partir das descrições dos autores foi possível concluir que a vida “solitária” ao lado da manada, período de maior tempo em sua vida, lhe atribuiu as características de calmo e comedido defendida por Macedo (1952). A lida lhe propiciou olhos e ouvidos apurados e facilidade de contar os bois quando passam pela porteira. Dentro deste universo sertanejo, a religiosidade e as superstições imprimem a cultura dessas regiões, voltadas também ao curandeirismo, com a utilização de ervas medicamentosas nos tratamentos de doentes, tanto pessoas, quanto animais.

Referências

ABREU, J. Capistrano de (João Capistrano de), (1853-1927). **Capítulos de historia colonial e os caminhos e o povoamento do Brasil**, 2. Ed Brasilia: UNB, 1998

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte : Itatiaia/Edusp, 1982. (Coleção Reconquista do Brasil). In: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1737

BOAVENTURA, Eurico Alves. **Fidalgos e vaqueiros**. Salvador, Ba: UFBA, Centro Editorial e Didático, 1989

CABRAL, Maria do Socorro Coelho. **Caminhos do Gado: conquista e ocupação do sul do Maranhão**. São Luís: SIOGE, 1992

CUNHA, Euclides da. **Os sertoes** : texto integral. Sao Paulo: Tres, 1973

MACEDO, José Norberto. **Fazendas de Gado no vale do são Francisco**. Rio de Janeiro. Ministério da Agricultura, 1952.

MEDRADO, Joana. “Terra, laço e moirão”: relações de trabalho e cultura política na pecuária (Geremoabo, 1880-1900). Campinas, SP, 2008

NEVES, Erivaldo Fagundes (Organizador). **Caminhos do sertão: ocupação territorial, sistema viário e intercâmbios coloniais dos sertões da Bahia**. Salvador, Ba: Arcadia, 2007

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifundio (um estudo de historia regional e local)**. 2. ed. Salvador, BA: Feira de Santana, 2008.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Estrutura fundiaria e dinamica mercantil** : alto sertao da Bahia, seculos XVIII e XIX. Salvador, Ba: EDUFBA ; UEFS, 2005VIANNA, Urbino. **Bandeiras e sertanistas baianos**. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1935.

ROCHA, Geraldo. **O rio Sao Francisco** : fator precipuo da existencia do Brasil. 3. ed Sao Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1946